

---

## *Toigo: architecto – constructor licenciado*

*Ana Elisia da Costa\**  
*Maria Beatriz Pinheiro Machado\*\**  
*Michele Venzo\*\*\**

---

**Resumo:** A “personagem” do arquiteto italiano Silvio Toigo é o objeto de estudo central deste trabalho. Chegando a Caxias do Sul na década 20 e atuando até o início da década de 50, Toigo assume o papel de um dos arquitetos mais expressivos na cidade e um dos principais agentes para a divulgação da cultura moderna. Diante desse perfil, o presente artigo objetiva verificar a formação, o perfil profissional, as possíveis influências e aspectos, que possam ter contribuído para a sua produção arquitetônica. A partir de levantamento criterioso de seus projetos, o estudo objetiva, ainda, relacionar as obras com o seu próprio processo de formação. Para alcançar os objetivos propostos, o trabalho se apóia em entrevista com familiares, levantamento de documentos no Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

**Abstract:** The “character” of the Italian architect Silvio Toigo is the central study object of this work. Arriving in Caxias do Sul in the 1920's and working until the 1950's, Toigo is considered one of the most expressive architects in city and one of the main agents for the spreading of the modern culture. Bearing this profile in mind, this article claims to verify his formation, his professional profile, possible influences, aspects, eventually, that can have contributed for his architectural production. Based on a criterious survey of his projects, the study intend to relate the workmanships with its proper process of formation. To reach the considered objectives the research is based on an interview with family members, survey of documents at the AHMJSA, and in bibliographical research, based mainly in Venzo (2007)

---

\* Arquiteta, mestre e doutoranda pelo PROPAR-UFRGS. Professora e pesquisadora junto à Universidade de Caxias do Sul, onde coordena a pesquisa “Modernidade e Cultura de Morar na Serra Gaúcha”. *E-mail:* ana\_elisia\_costa@hotmail.com

\*\* Mestre em Educação pela UFRGS, docente e pesquisadora do Departamento de História e Geografia da Universidade de Caxias do Sul. *E-mail:* mbpmacha@ucs.br

\*\*\* Acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo e participou como colaboradora da pesquisa “Modernidade e Cultura de Morar na Serra gaúcha”. *E-mail:* fmvlenzo@ig.com.br

(AHMJSA) e em pesquisa bibliográfica, baseada, principalmente, em Venzo Costa (2001, 2002 and 2006) and Wimer (1987). (2007), Costa (2001, 2002; 2006) e Wimer (1987).

**Palavras-chave:** História de vida. Arquitetura modernista. Silvio Toigo. **Keywords:** Life story. Modern architecture. Silvio Toigo.

---

### Introdução

A “personagem” do arquiteto italiano Silvio Toigo é o objeto de estudo central deste trabalho. Chegando a Caxias do Sul na década de 20 e atuando até o início da década de 50, Toigo assume o papel de um dos arquitetos mais expressivos na cidade. Quantitativamente, o volume de sua produção é bastante significativo e, qualitativamente, recorre a diferentes linguagens, entre elas, a eclética, *art déco* e moderna.

Diante desse perfil, a sua produção, especialmente a arquitetura residencial, despertou o interesse do grupo de pesquisa “Modernidade e Cultura de Morar na Serra gaúcha”, desenvolvida pelos Departamentos de História, Geografia e Arquitetura e Urbanismo da UCS, desde 2006. O projeto tem por objetivo analisar a produção arquitetônica de influência modernista nas cidades da Serra gaúcha, caracterizando os agentes dessa produção e as transformações e permanências na cultura de morar no contexto histórico da modernidade.

Registra-se que o interesse da pesquisa ultrapassa aquele restrito aos *projetos*, voltando-se, também, às condições intelectuais, que permitem ao arquiteto assimilar e incorporar inovações em suas obras, assumindo o papel de agente principal na divulgação da cultura moderna em Caxias do Sul.

Assim, a modernidade aqui é pensada não só pelos seus fatos materiais, mas também pelos fatos imateriais, humanos. Do edifício, desvia-se para focar os próprios agentes culturais – arquitetos, engenheiros, construtores licenciados, leigos, usuários, pessoas que fazem a cultura, que agregam valor humano à massa de tijolos e concreto. Quem são os arquitetos que projetaram as residências na Serra gaúcha? Como a estruturação do programa de necessidades

dessas casas traduz a modernidade? Há conflito com os valores tradicionais da classe média?

Esses questionamentos são importantes na medida em que hoje se discute o conceito de patrimônio não só pela sua relevância arquitetônica, mas também pela sua expressão na memória social ou na cultura de um povo. Assim, a pesquisa não objetiva apenas inventariar o acervo modernista na Serra gaúcha, mas também contextualizá-lo culturalmente.

Dessa forma, o presente artigo tem por objetivo verificar a formação, o perfil profissional, as possíveis influências e aspectos, que possam ter contribuído para a produção arquitetônica de Silvio Toigo. A partir de levantamento criterioso de seus projetos, o estudo objetiva, ainda, relacionar as obras com o seu próprio processo de formação.

Os dados relacionados foram obtidos através de entrevista com familiares, em especial, a filha do arquiteto, Luiza Tronquini, realizada em 26 de outubro de 2007. Além disso, foi feito um levantamento de documentos no Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHMJSA), com a finalidade de comprovar dados que não foram abordados durante a entrevista. A primeira síntese dos dados, juntamente com extensa análise de toda a produção residencial do arquiteto, foi apresentada em monografia de iniciação científica da acadêmica Michele Venzo, desenvolvida em 2007, no Curso de Arquitetura e Urbanismo da UCS.

### **Breve biografia**

Silvio Toigo, filho de Marco Toigo e Giovanna Cecchin, nasceu em 9 de maio de 1889, em Arten di Fonzaso, no Vêneto, província de Belluno, Itália. Seu pai, Marco Toigo, foi agricultor e pedreiro. Pode ter vindo daí seu interesse pela arquitetura e, até mesmo, alguma experiência prévia.

Toigo serviu ao Exército italiano na Líbia. Depois, participou da Primeira Guerra Mundial, onde recebeu várias condecorações. Após o término da guerra, a situação econômica na Itália ficou muito ruim, sem oferta de trabalho, o que levou a família Toigo a passar por sérias dificuldades financeiras.

Segundo depoimento da filha Luiza Tronquini, esse contexto foi fator determinante para a opção de vir para o Brasil, mais especificamente, para Caxias do Sul, onde já moravam alguns parentes: os Cecconelo. Silvio vem

sem a família, acompanhado por um amigo. Chegou em Caxias do Sul, no dia 1º de maio de 1922. É importante salientar que o desenvolvimento econômico local demandava mão-de-obra especializada, e os técnicos estrangeiros encontravam trabalho com relativa facilidade. Seis meses depois, chegam sua esposa Rosa Vitoria Nicoletto Toigo e seus filhos, Silvio Toigo Filho, Iva e Luiza.

Constrói para a família um chalé de madeira, o qual, mais tarde, foi consumido por um incêndio. Nessa ocasião, muitos documentos foram queimados e pode ser que algum diploma ou certificado de curso que tenha frequentado na Europa tenha sido destruído.

Sua primeira esposa faleceu seis anos após a chegada ao Brasil, traumatizada pela guerra e vítima de doenças respiratórias. Silvio, com os filhos pequenos, casou-se novamente com uma italiana, Maria Virginia Toigo. Ao todo, teve nove filhos. Silvio constrói então uma nova casa, agora em alvenaria, localizada na Rua Feijó Júnior, esquina com a Vinte de Setembro. Seu primeiro escritório ficava na própria casa, no porão, onde ele desenhava e também guardava seu acervo de projetos.

Profissionalmente, Toigo dedicou-se ao ramo da construção civil desde que chegou em Caxias do Sul. No cotidiano, segundo relatos da filha Luiza, trabalhava excessivamente e costumava acordar às cinco ou cinco e meia da manhã. Luiza lembra que via o pai rabiscando e, quando se dava conta, as obras já estavam construídas. Faz referência à participação do pai nas licitações para construir os edifícios da Metalúrgica Abramo Eberle, o que lhe causava apreensão a possibilidade de não-aprovação dos contratos.

Nas horas de folga, Silvio gostava de ler, lia primeiramente todos os jornais. Além disso, tinha coleções de livros. Assinava também revistas de arquitetura. Nos fins de semana, juntava a família ao redor da lareira para contar histórias da guerra, fumando seu cachimbo. Antes da Segunda Guerra, as histórias eram contadas em italiano, depois, o idioma se tornou proibido e, aos poucos, Silvio e a família foram perdendo o hábito de falar a língua italiana. Também gostava de ouvir música, principalmente ópera. Cantava também. Era o tenor de um coral e costumava apresentar-se no Cine Ópera.

A análise da atuação política de Silvio Toigo e do contexto do período entreguerras possibilita enfocar de maneira diversa a sua vinda para o Brasil, superando a idéia comum de um imigrante que procura novas condições de vida em terras distantes. Segundo Giron (1994, p. 82-85), Toigo foi regente do *fascio* caxiense, cargo de confiança do governo

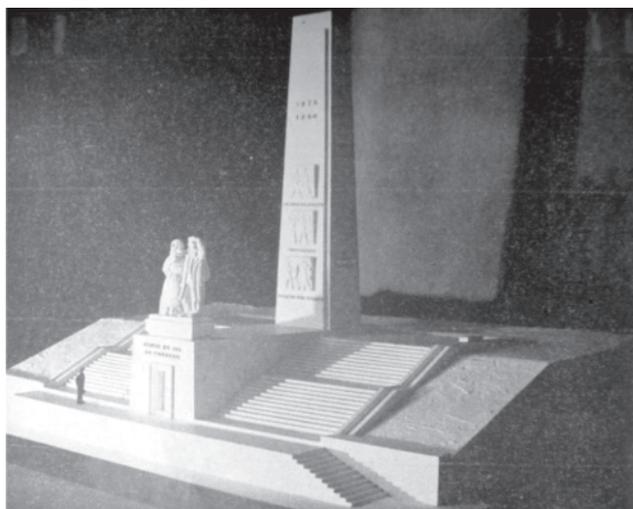
da Itália, designado pelo Consulado Geral. Esses *imigrantes tutelados*, como a autora os denomina, tinham a tarefa de arregimentar novos membros entre a burguesia local para difundir as instituições políticas e o culto à Itália, o que explica a quantidade de serviços que passa a realizar após a sua chegada, uma vez que, em razão do cargo, articulava-se diretamente com elementos representativos da sociedade regional como profissionais liberais, industriais e comerciantes.

Após o término da Segunda Guerra Mundial, em 1945, Toigo sofreu todos os tipos de conseqüências legais ligadas à perseguição de estrangeiros, conhecidos na época como “Súditos do Eixo”. Em 18 de dezembro de 1947, Silvio Toigo naturalizou-se brasileiro. Segundo Luiza, ele era “ameaçado de tudo e tinha medo de perder seus bens”.

Seus filhos, Silvio Toigo Filho e Hugo Toigo estudaram Engenharia em Porto Alegre e em Curitiba, respectivamente. Trabalharam junto com o pai e, quando esse deixou o exercício profissional, assumiram o comando da firma, mais tarde com escritório em Porto Alegre.

Seguindo os passos de seu pai na Itália, Silvio Toigo dedicou-se também à agricultura. Introduziu o plantio de tungue no Rio Grande do Sul, trazendo as primeiras sementes do Chile, em 1933. Além de produzir, viajou por todo o estado para divulgar essa cultura, que era utilizada como matéria-prima para alguns tipos de óleos utilizados em máquinas. Fundou a Cooperativa dos Plantadores de Tunge Paulo Monteiro de Barros, em 22 de maio de 1949. Segundo reportagem intitulada “Resgatar a Cultura do Tunge”, publicada no jornal Correio Riograndense (jun. 2007), Silvio costumava dizer: “Abandonei minha arte de arquiteto-construtor para me dedicar ao tungue.” Foi presidente da cooperativa até 1964, quando faleceu. Após sua morte, os agricultores da região abandonaram gradativamente a cultura do tungue, e a cooperativa se extinguiu.

Seu último trabalho, iniciado em 1951, foi o Monumento Nacional ao Imigrante (figura 1). Depois disso, passou a se dedicar ao tungue, exclusivamente, pois já estava cansado e com idade avançada. Em 28 de fevereiro de 1954, o monumento foi inaugurado pelo presidente Getúlio Vargas. Silvio Toigo teve grande satisfação em ter sido convidado para construí-lo e orgulhava-se de sua última obra.



**Figura 1:** Maquete do Monumento Nacional ao Imigrante  
*Fonte:* AHMJSA

Em 1º de março de 1958, Silvio Toigo recebeu a cruz de honra de “Mérito ao Trabalho”, em nome do governo italiano, símbolo de reconhecimento do seu trabalho evidenciado também pela pátria de origem. Entretanto, Silvio Toigo nunca retornou à Itália, embora demonstrasse vontade de um dia lá voltar. Faleceu em 15 de abril de 1964, com 74 anos.

A família de Toigo doou todos os seus documentos pessoais, fotos, arquivos da empresa Silvio Toigo e Cia. e, inclusive, o acervo de projetos para o AHMJSA em 1987, quando foi organizada uma exposição em homenagem ao construtor.

### **Formação e atividade profissional**

Não existem registros que comprovem sobre a formação acadêmica do arquiteto. Sua filha menciona que ele teria feito um *curso* na Alemanha, antes de servir ao Exército italiano, onde aprendeu o ofício. Talvez a citação da palavra *curso* ao invés de *formou-se* ou *curvou faculdade* possa indicar que ele tenha freqüentado apenas um curso técnico. No contexto italiano em que provavelmente ocorreu sua formação profissional, Costa

(2006) observa que a própria profissão de arquiteto ainda não era reconhecida:

Academicamente, até o século XIX, a arquitetura na Itália era ensinada nas Academias de Arte e, na segunda metade deste mesmo século, também nas escolas de Engenharia que conferiam o título de arquiteto civil. As academias e institutos de arte ofereciam cursos para “professores de desenho de arquitetura”, com duração de cinco anos, cuja maioria dos formandos passava a atuar irregularmente. Já a formação dos engenheiros era mais ampla, envolvendo inclusive a própria arquitetura, mesmo que essa lei não contemplasse o ensinamento artístico. As escolas de Arquitetura, propriamente, surgem durante o fascismo, a primeira em 1919 em Roma, com planos de estudo modelados para formar o “arquiteto integral”. Do ponto de vista legal, o título de arquiteto só é reconhecido em 1923 e 1925. Até então, arquitetos civis, engenheiros, professores de desenho ocupavam o mesmo campo profissional. (COSTA, 2006, p. ...).

Já na Alemanha, antes da Primeira Guerra Mundial, observa-se a consolidação de movimentos de vanguarda, como o *Deutsche Werkbund* (1898-1927), um dos movimentos que, mais tarde, influenciariam o *art déco* e o modernismo, que teriam expressão na maioria das obras de Toigo.

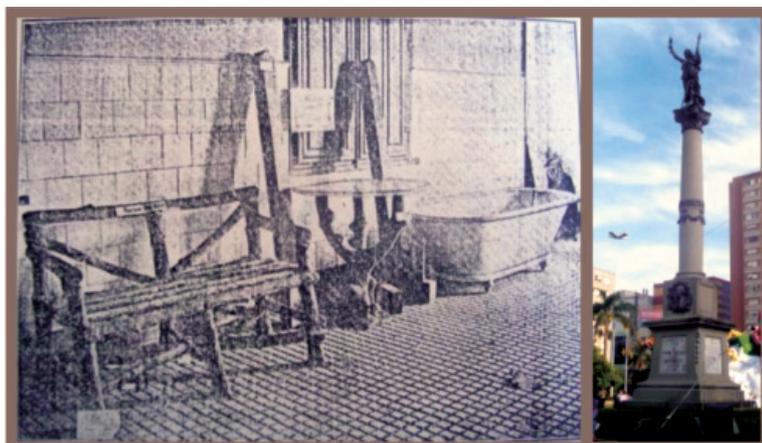
Apesar desse contexto de possível vanguarda na formação do arquiteto, acredita-se que a atuação profissional de Toigo tenha ocorrido somente após a chegada ao Brasil, sendo condicionada pelo contexto cultural local ou pelos *gostos* impostos pelos seus clientes. A hipótese de inexistência de obras do arquiteto na Europa tem por base o depoimento da filha Luiza, que desconhece e descarta sua existência, considerando a situação de miséria no país de origem. Reforça esse argumento o fato de que o passaporte utilizado por Toigo em sua vinda ao Brasil possui informação acerca da profissão, constando *contadino*, ou seja, agricultor (figura 2). Ao chegar, o então *contadino* e futuro arquiteto, começa a construir obras com gosto eclético, o que era coincidente com a arquitetura local do período e incompatível com as experiências racionalistas que já ocorriam no contexto europeu.



Figura 2: Passaporte de Toigo, onde está sublinhada a palavra *contadino*, ou seja, agricultor  
 Fonte: AHMJSA.

O que se pode afirmar é que Toigo tinha conhecimento do uso da técnica de concreto armado antes de vir ao Brasil. Ao chegar à cidade, em 1922, sua primeira obra foi a execução do pedestal da Estátua da Liberdade (figura 3A), de linguagem eclética e construção em concreto. Além disso, fabricava peças nessa tecnologia (figura 3B), conforme cita o jornal Diário de Notícias:

Iniciou, há pouco tempo, a fabricação de móveis diversos com cimento armado: cadeiras, bancos, mezas para jardim, etc. Também fabrica banheiras, tinas, pias e vasos, uns imitando escariola, outros esmalte ou granito. Devido a um processo de sua invenção, todos esses móveis e utensílios apresentam um peso inferior ao normal dos objectos feitos com cimento armado, tendo-se, ainda, a notar que elles são feitos a mão. (DN, 5 dez. 1925).



**Figuras 3A e 3B:** À esquerda, imagem dos artefatos de cimento armado fabricados por Toigo. À direita, foto atual da Estátua da Liberdade, na qual Toigo foi responsável pela execução do pedestal

*Fonte:* AHMJSA.

Ainda em 1925, com o objetivo de obter reconhecimento de sua profissão, Sylvio Toigo entrou em contato com a Escola Livre de Engenharia do Rio de Janeiro, vinculada ao Instituto Técnico Industrial. As escolas livres emitiam diplomas apenas com a comprovação de conhecimento técnico, o que podia ser provado através de obras e projetos realizados, sem necessidade de freqüentar aulas teóricas ou práticas nem mesmo executar trabalhos acadêmicos. Após enviar amostras da Exposição Colonial de Caxias do Sul de 1925, além de documentos e fotos comprovando a autoria de obras (figura 4), Toigo foi graduado como *Engenheiro Architecto*. Segue trecho da carta remetida pelo Instituto, datada de 22 de dezembro de 1925:

CONSIDERANDO que o Sr. Sylvio Toigo é um profissional de grande mérito em architectura e construção civil, máxime em obras de cimento armado, consoante a technica moderna; que são de sua autoria: a construção do monumento da Liberdade e do admirável palacete recreio da Juventude, demonstrando um gosto artístico e uma capacidade technica apurada; que é o inventor de um processo para laborar móveis, banheiras, vasos em cimento armado, com a particularidade de apresentar menor peso por volume; [...] PROPOMOS gradua-lo ENGENHEIRO ARCHITECTO com o direito a receber o respectivo Diploma [...], a medalha de ouro do mérito e a caderneta de identidade technica. (INSTITUTO TÉCNICO INDUSTRIAL, 1925).

Mais tarde, esse diploma não foi considerado válido perante os órgãos públicos, como o Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura (Crea), por exemplo.



Figura 4: Timbre usado no memorial de ampliação do Colégio Nossa Senhora do Carmo, em 1936, que se refere a um Diploma de Honra emitido pelo Instituto Técnico Industrial do Rio de Janeiro

Fonte: AHMJSA.

Entre os colegas arquitetos contemporâneos, Luigi Valiera e Luiz Bertola eram os maiores amigos de Toigo, segundo testemunho da filha. Associou-se a Dario Granja Santana, na década de 30, fundando a Sociedade Construtora Caxiense (figura 5), porém essa associação durou pouco tempo, extinguindo-se em 1941. Sua própria construtora, a Silvio Toigo e Cia., era a maior da cidade na década de 40 e chegou a empregar cem pessoas na construção, o que exigia muito trabalho de Toigo.



Figura 5: Logotipo da Construtora Caxiense, à esquerda, usado como timbre nos memoriais descritivos. Acima, carimbo utilizado nos projetos, constando as assinaturas de Dario Granja Santana e Silvio Toigo

Fonte: AHMJSA.

A filha Luiza Tronquini, faz referência a uma associação com Romano Lunardi que não foi comprovada através da pesquisa realizada. A expressão empregada por Luiza: “Muita coisa ficou com ele (Lunardi)” pode se referir aos projetos desenvolvidos nessa provável sociedade. Há hipóteses de que essa parceria tenha ocorrido após o encerramento das atividades da empresa Silvio Toigo e Cia. Contudo, não puderam ser comprovadas através dos documentos analisados.

A atuação de Toigo, após a década de 30, começa a sofrer impactos decorrentes de ações praticadas pelo governo federal. Nesse período, o presidente Getúlio Vargas criou o Decreto 23.569, de 11 de dezembro de 1933, que previa a regulamentação das profissões no Brasil. Seu texto *in verbis*:

Art. 1º: O exercício das profissões de engenheiro, de arquiteto e de agrimensor será somente permitido respectivamente: a) aos diplomados pelas escolas ou cursos [...] oficiais, da União Federal, ou que sejam, ou tenham sido ao tempo da conclusão dos seus respectivos cursos, oficializadas, equiparadas às da União ou sujeitas ao regime de inspeção do Ministério da Educação e Saúde Pública.

O seu art. 5º enfatizava o exercício profissional:

Só poderão ser submetidos ao julgamento das autoridades competentes e só terão valor jurídico os estudos, plantas, projetos, laudos e quaisquer outros trabalhos de engenharia, arquitetura e agrimensura, quer públicos, quer particulares, de que forem autores profissionais habilitados [...] e as obras decorrentes desses trabalhos, também só poderão ser executadas por profissionais habilitados.

Segundo Weimer (1987), essa medida gerou péssimos resultados para a arquitetura no estado, pois a maioria dos arquitetos que atuava no contexto gaúcho era de origem estrangeira, sendo então rebaixados à categoria de “construtores licenciados”. Diante disso, o mercado de trabalho foi praticamente dominado pelos profissionais locais, formados na Escola de Engenharia, que tinham o direito de regulamentar e fiscalizar o exercício profissional.

No caso de Silvio Toigo, sua atividade profissional não sofreu grandes conseqüências com essa primeira medida, pois Caxias do Sul era considerada uma cidade do interior, e as perseguições aqui não eram tão

intensas como na capital do estado. Prova disso é que, em 1935, foi um dos primeiros profissionais do estado a inscrever-se no Crea e a receber o título de “arquiteto-constructor licenciado” (figura 6).



Figura 6: Carteira profissional de Silvio Toigo, expedida pelo Crea em 10/1/1935

Fonte: AHMJSA.

A situação piorou em 1945, com o golpe do Estado Novo no Brasil e o fim da Segunda Guerra Mundial, resultando na derrota dos países que formavam o Eixo (Itália, Alemanha e Japão). Diante desse quadro, intensificou-se a repressão contra os imigrantes dessas procedências. Segundo Weimer (1987), grande número de arquitetos e construtores de origem italiana e alemã foram para a prisão, e os demais sofreram constrangimentos e perseguições constantes.

Silvio Toigo, imigrante italiano e membro do Partido Fascista, sofreu essas consequências de forma direta, tanto que, em 1945, sua habilitação no Crea foi alterada para “projetista-constructor licenciado” (figura 7), atribuição essa que lhe permitia projetar e construir prédios, porém a execução de cálculos estruturais deveria ser feita por profissionais licenciados.



Figura 7: Carteira profissional de Silvío Toigo, expedida pelo Crea em 14/5/1945

Fonte: AHMJSA

Apesar da limitação, foram verificados projetos de Silvío Toigo posteriores a 1945 com cálculo de estrutura em concreto armado, como a casa de Maria Gregoleta, datada de 1948. Nos levantamentos realizados, é possível perceber que os carimbos dos projetos aprovados pela Prefeitura, que até então traziam a inscrição “arquiteto-construtor licenciado”, em 1945, passaram a exibir outra inscrição: “projetista-construtor licenciado”, seguindo as exigências da lei (figura 8).



Figura 8: Carimbos dos projetos: à esquerda, destaca-se o título “architecto-constructor licenciado”, datado de 15/5/1945; à direita, o título é “projetista-constructor licenciado”, datado de 29/11/1945

Fonte: AHMJSA.

Imigrante, aparecendo em vários registros como sua última obra executada.

### Produção

“Os construtores de Caxias” era o título de um programa de rádio elaborado por Jimmy Rodrigues com o objetivo de homenagear os construtores da cidade. Na gravação desse programa, o locutor cita obras que teriam sido realizadas por Silvio Toigo:

Construiu a sede do Clube Juvenil, antiga sede do Recreio da Juventude, Cinema Apolo (atual Ópera), o Colégio do Carmo, o Ginásio São José, Cinema Guarany, Auto Palácio, Metalúrgica Abramo Eberle, Industrial Madeireira, Frigorífico Rizzo, Gethal e muitas outras.

O mesmo programa ainda cita o Ginásio São José, de Garibaldi. Sua filha Luiza enumera obras localizadas em outros municípios gaúchos, como: a Cantina Peterlongo, em Garibaldi; o Colégio São Carlos (ou Sacalabrini) e o edifício da Rádio Aurora, em Guaporé, este último finalizado por Silvio Toigo Filho.

Contudo, em alguns casos, a autoria dos projetos de Toigo pode ser questionada. Costa (2001) observa que algumas obras consagradamente designadas como de autoria do arquiteto podem ter sido somente executadas por ele, como o conjunto de edifícios da Metalúrgica Abramo Eberle.

Há indícios de que tais inovações tenham sido introduzidas pela empresa paulista Matarazzo e Pilon Ltda., responsável pelo projeto em 1935, sendo posteriormente trabalhado e executado por Silvio Toigo, que assume a autoria do projeto. (COSTA, 2001, p. 145).

Projetos disponíveis no Arquivo Histórico Municipal indicam que o projeto foi desenvolvido por um engenheiro-arquiteto de Porto Alegre. Posteriormente, em 1942, esse mesmo projeto foi retrabalhado por Silvio Toigo que assumiu a autoria do projeto dando-lhe uma roupagem Art Decó. (COSTA, 2001, p. 162).

Tal fato pode ser justificado pela falta de clareza da população quanto às diferenças entre os papéis de um arquiteto e de um construtor, levando a generalizar a questão autoral do grande volume de obras por ele executados.

A partir de um levantamento detalhado dos arquivos existentes e catalogados no AHMJSA (VENZO, 2007), tem-se uma maior clareza acerca das obras projetadas por Toigo entre 1928 a 1950.<sup>1</sup> Os elementos encontrados no acervo variam de simples reformas e projetos de gradis, portões ou mesmo móveis, até a construção de grandes complexos industriais.

### Do universo investigado

Da *arquitetura religiosa*, destaca-se, como sendo de autoria de Toigo, projetos com linguagem eclética, transitando entre o neogótico e neoclássico. Entre os neogóticos, estão a igreja Santa Catarina (figura 9), a capela interna do Colégio São José e o projeto de um campanário. Já com uma composição de gosto renascentista, estão a reforma da fachada da igreja de São Gotardo e o projeto da igreja das Neves, na 9ª Lésua (figura 10).

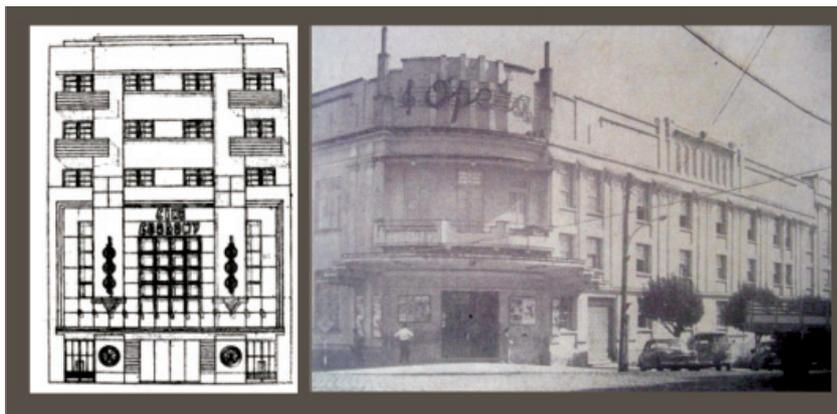


**Figuras 9 e 10:** Igreja Santa Catarina, em 1933, e a reforma da fachada da igreja de São Gotardo, em 1941

Fonte: AHMJSA.

Dentre os projetos de clubes e sociedades, destaca-se a possível autoria da antiga sede do Recreio da Juventude, atualmente farmácia do Círculo Operário Caxiense, construída em 1925.<sup>2</sup> A nova sede do Recreio da Juventude, construída em 1950, teve seu projeto extraviado, dificultando a sua comprovação autoral. Já sobre uma possível autoria da sede do Clube Juvenil, em 1928, observa-se que Toigo venceu apenas a concorrência para a **construção** do edifício, sendo que o projeto foi desenvolvido pelo arquiteto Pedro Paulo Schennemann, de Porto Alegre.

Também destacam-se seus projetos para cinemas e teatros. Além do Cine-Theatro Guarany, com uma linguagem *art-déco* (figura 11), há um entendimento de que o projeto de reforma do Cine Ópera, hoje demolido, também seja de autoria desse arquiteto. O primeiro prédio do Cine Ópera, em madeira, teria passado por reformas em 1933, sendo essas atribuídas a Silvio Toigo, que propôs uma nova fachada em alvenaria, com motivos ecléticos e *art déco* (figura 12).<sup>3</sup>



Figuras 11 e 12: Cine-Theatro Guarany, em 1939 e Cine Ópera, em 1933  
Fonte: AHMJSA.

Diversos são os projetos para edifícios comerciais, manifestando diferentes vocabulários formais, como o açougue projetado para Muratori e Reginin (1935), ainda com a presença de elementos ecléticos, e o armazém projetado para Guerino Tonnini (1940), onde elementos da *art déco* são incorporados.

Foram encontrados projetos de três hotéis no AHMJSA: o Hotel Genoveva Meneguzzi, o Hotel City e o Hotel para funcionários da Metalúrgica Abramo Eberle (figura 13), todos com um vocabulário mais racional.



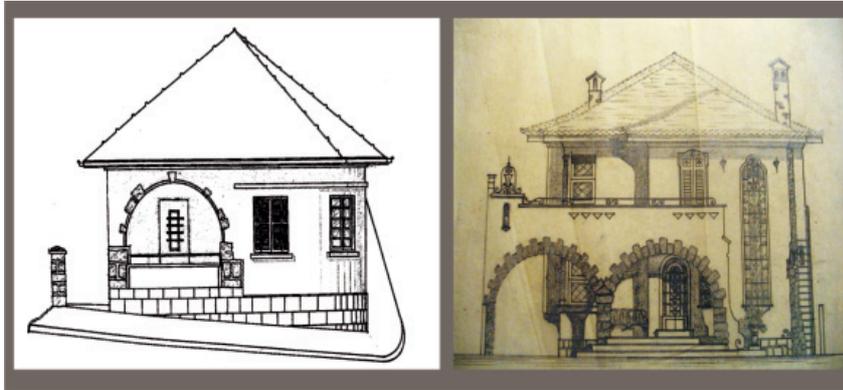
**Figura 13:** Hotel para funcionários da Metalúrgica Abramo Eberle, em 1941  
*Fonte:* AHMJSA.

Quanto à arquitetura escolar, há divergências em relação à autoria dos projetos que, normalmente, são atribuídos a esse arquiteto. De fato, o que se sabe é que a firma Silvio Toigo e Cia. executou obras dos seguintes colégios: Instituto Nossa Senhora do Carmo (1928) e ampliação (1936); Grupo Escolar Scalabrini, em Guaporé (1939); Emílio Meyer (1940); Colégios São José em Caxias do Sul (1935), Flores da Cunha (1940), Garibaldi (1942), Vacaria (1942/1943), Murialdo (1947); e o Grupo Escolar Carlos Gomes, em Garibaldi.<sup>4</sup>

A produção de arquitetura residencial, envolvendo edifícios unifamiliares, multifamiliares e de uso misto, é bastante volumosa. Venzo (2007) faz um levantamento criterioso dos mesmos, encontrados 58 projetos.<sup>5</sup> Um vocabulário muito diversificado caracteriza o conjunto dessas obras, provavelmente, atendendo às exigências e necessidades dos usuários (figuras 14 a 21).



**Figuras 14 e 15:** Residência de Mário Ecker e Antônio (não-datado) e de Pedro Olavo Hoffmann (1946)  
*Fonte:* AHMJSA.



**Figuras 16 e 17:** Residência de João Cecconelo (1941), e de Armando Galeão Santos (não-datado)  
*Fonte:* AHMJSA.



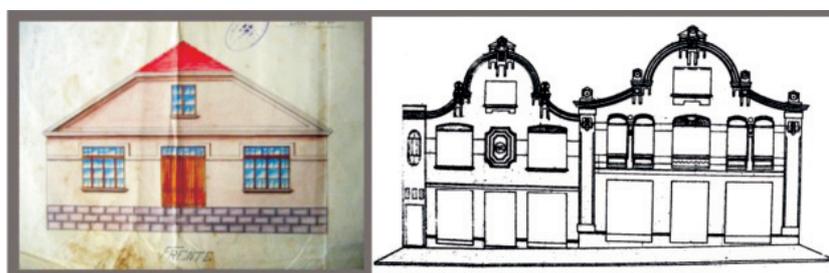
**Figuras 18 e 19:** Residência de Eliza V. Eberle (1947), e Edifício Condor (não datado)  
*Fonte:* AHMJSA.



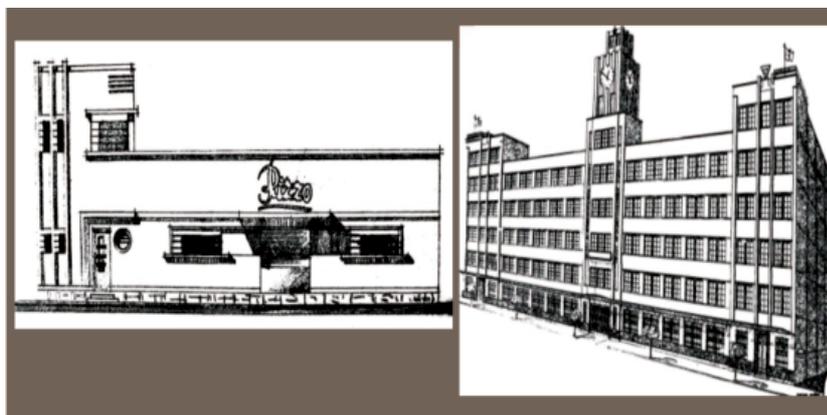
Figuras 20 e 21: Edifício Magnabosco (1938), e Auto Palácio (1945)  
 Fonte: AHMJSA.

A produção de edifícios industriais pelo arquiteto também é bastante volumosa, merecendo subcapítulos à parte. Nesse contexto, merecem menção os inúmeros edifícios de cooperativas que foram construídos, principalmente, durante as décadas de 1930 e 1940, quando o cooperativismo em Caxias do Sul atinge seu momento mais expressivo.<sup>6</sup> Outros edifícios industriais merecem nota, principalmente, os voltados aos setores madeireiro e têxtil,<sup>7</sup> que tiveram grande expressão na década de 1940. (COSTA, 2001). Por fim, merecem ser citados os edifícios da Metalúrgica Abramo Eberle (MAE), que correspondem ao maior volume de produção do arquiteto.

É também esse conjunto que pode expressar a versatilidade do vocabulário arquitetônico do arquiteto, indo de obras quase sem expressão formal (figura 22), passando pelas ecléticas (figura 23), *art déco* (figura 24) e modernas (figura 25).



Figuras 22 e 23: Cooperativa Aliança (1933), e Armazém da Metalúrgica Abramo Eberle (1928).  
 Fonte: AHMJSA.



Figuras 24 e 25: Cantina Rizzo (1933), e Metalúrgica Abramo Eberle (1942)  
Fonte: AHMJSA.

Através do conjunto da obra de Silvio Toigo, é possível perceber que o ecletismo limitou-se a poucos edifícios executados na década de 1920 e nos início da década de 1930. A partir da segunda metade da década de 1930, o arquiteto assume o *art déco* como estilo recorrente, sendo que em todas as suas obras posteriores prevalece este estilo. Percebe-se que o arquiteto acompanha as transformações da arquitetura no quadro nacional, mantendo-se sempre atualizado e buscando trazer essas inovações para as cidades de Caxias do Sul e outras.

### Considerações gerais

Apesar do pouco conhecimento sobre sua formação européia, parece inquestionável que o arquiteto tenha recebido alguma instrução erudita. Reforça esse argumento o fato de que seus projetos explicitam um rigor compositivo, que transcende os próprios recursos estilísticos empregados. Preocupações com escala, ritmo e simetria foram comuns tanto nos edifícios ecléticos quanto nos que ensaiam uma linguagem mais moderna.

É importante observar que, apesar de incorporar esse novo vocabulário, o arquiteto mantém as estratégias compositivas que desenvolvia em etapas anteriores, como a simetria da fachada, relação base-corpo-coronamento, o jogo rítmico das aberturas. O modernismo aqui é adotado como mais um novo estilo e não uma ideologia a seguir. (COSTA; GURASESI, 2002, p. ...).

Provavelmente, é essa formação consistente que dá condições intelectuais para o arquiteto assimilar e incorporar inovações em seus projetos. Contudo, faz isso de modo parcimonioso, atento às condições de aceitação do cliente e, provavelmente, aplicando de seus próprios desejos de transgressão artística. Ilustram essa afirmativa a gama de características compositivas de seus projetos industriais e residenciais. Ali estão projetos para clientes de qualquer gosto e qualquer bolso. Toigo é, assim, um técnico e não um artista, mas um técnico competente, que introduz, gradativamente, pequenas inovações e que gerencia os conflitos dos valores tradicionais da classe média.

Nesse sentido, é importante observar que Toigo era um *político*, o que, provavelmente, lhe impunha a necessidade de atender aos desejos da sua clientela, mantendo o seu valioso capital de relações com os grandes empresários da região. Talvez as autorias indevidas atribuídas à Toigo derivem não só da falta de clareza do papel de um arquiteto e aquele do construtor, conforme discutido, mas também o de *autoridade*, que ele construiu de si mesmo perante o público. Nesse viés, destaca-se nota jornalística da década de 50, exaltando o papel de Toigo:

Hoje aí estão os monumentos e majestosos edifícios projetados e construídos pelo Sr. Silvio Toigo como testemunhos concretos de sua relevante contribuição para o embelezamento e a modernização da cidade. (ÁLBUM ..., 1950, p. 211).

Esses apontamentos são importantes à medida que hoje se discute o conceito de patrimônio não só pela sua relevância arquitetônica, mas também pela sua expressão na memória social ou na cultura de um povo, e essa parece ser a expressão do conjunto de obras projetadas e/ou construídas por Toigo.

Assim, Toigo é um dos principais protagonistas da modernidade na cidade ou da *cidade moderna*. Como já discutido em publicações anteriores (COSTA, 2001), parece necessário reafirmar que essa é uma modernidade pragmática (SEGAWA, 1997), uma modernidade sem comprometimento ideológico, difusa, um modismo quase transitório.

## Notas

---

<sup>1</sup> Segundo informações dos funcionários do AHMJSA, os projetos, datados de 1950 em diante, estão arquivados pelo nome do proprietário somente, dificultando a busca através do nome do arquiteto.

<sup>2</sup> Não foi localizado o projeto no AHMJSA. Observa-se que Toigo apresenta essa obra, em 1925, à Escola Livre do Rio de Janeiro, para fins de comprovação de sua profissão e posterior diplomação. Em 1946, Toigo é responsável por uma reutilização do edifício, o qual é adquirido pelo Círculo Operário Caxiense.

<sup>3</sup> O projeto do edifício não foi localizado no AHMJSA, mas há um pedido de licença para sua construção em 1919, e algumas fontes indicam que sua inauguração teria ocorrido em 1921, época em que Toigo ainda não havia chegado ao Brasil.

<sup>4</sup> Quanto ao Instituto Nossa Senhora do Carmo, foi comprovado que a autoria do

projeto do primeiro prédio (1928) é de Josef Lutzenberger, arquiteto de Porto Alegre, conforme cita Weimer (1987, p. 121), sendo que Toigo foi responsável pelo projeto e pela execução da ampliação, em 1936.

<sup>5</sup> O Palacete Eberle, de 1939, localizado na Rua Sinimbu, é de autoria da empresa Barcellos e Cia., de Porto Alegre, sendo Toigo o responsável pela execução, ao contrário do entendimento geral.

<sup>6</sup> São de autoria do arquiteto: Cooperativa Aliança (1933); Cantina Piave (não datado); Cantina Rizzo (1936); Cooperativa de Plantadores de Tungue Monteiro de Barros (1949).

<sup>7</sup> São de autoria do arquiteto: Carpintaria De Carli (1934); Fábrica de Tecidos Matteo Gianella e Viero (1937); Industrial Madeireira (1944); Malharia Caxiense (não-datado); Ghetal (1947).

## Referências

---

- ÁLBUM comemorativo do 75º aniversário da imigração italiana no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo, 1950.
- COSTA, Ana Elisia; GUARESI, Sayonara. *Silvio Toigo: um arquiteto modernista em Caxias do Sul? Agora*. Santa Cruz do Sul: Unisc, v. 8, n. 1/2, jan./dez. 2002.
- COSTA, Ana Elisia (Coord.). *Pesquisa Modernidade e Cultura de Morar na Serra gaúcha*. Caxias do Sul: UCS, 2006. Projeto de pesquisa.
- COSTA, Ana Elisia. *A casa pátio na arquitetura moderna brasileira: da confluência entre Rino Levi e Daniele Calabi*. Porto Alegre: UFRGS; Propar, 2006. Projeto de doutorado.
- \_\_\_\_\_. *Arquitetura industrial em Caxias do Sul: 1890 a 1950*. 2001. Dissertação (Mestrado) – UFRGS; Propar. Porto Alegre, 2001.
- GIRON, Loraine Slomp. *As sombras do littorio: o fascismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Parlanda, 1994.
- SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil: 1900-1990*. São Paulo: Edusp, 1997.
- WEIMER, Güinter. *A arquitetura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- VENZO, Michele. *A modernidade na obra residencial de Silvio Toigo*. 2007. Monografia (Iniciação Científica – Laboratório de Arquitetura e Urbanismo) – UCS, Caxias do Sul, 2007.
- Jornais:**
- Diário de Notícias*. Caxias do Sul, 5 dez. 1925.
- Jornal Correio Riograndense*. Porto Alegre, jun. 2007.
- Legislação:**
- BRASIL. Decreto 23.569/1933. *Regulamenta as profissões no Brasil*.

Artigo recebido em maio de 2008. Aprovado em julho de 2008.